



Ser machista não te faz homem de verdade

Danillo Pietro Craveiro

Resumo: Meu nome é Danillo Pietro Craveiro, militante LGBT, escritor e poeta, afro religioso e homem trans. Identifico-me como homem trans desde os 12 anos de idade, quando de fato descobri a nomenclatura “transgênero”, porém, minha disforia de gênero (uma inconformidade de ser submetido a um gênero ao nascer, por conta da genitália) teve início desde os três anos de idade. Por volta dos 15 anos, comecei a dar os primeiros passos para a minha transição de gênero, não foi nada fácil, cada etapa foi muito dura e cheia de aprendizados, inclusive um aprendizado ainda em construção.

Atualmente, percebemos que a transgeneridade está tendo grande visualização comparada a décadas anteriores, tempos estes em que apenas se “falava” de travesti (como piada-transfobia explícita) e transtorno de gênero, resumia a transgeneridade com o termo já abolido “transexualismo”, devido a não ter tanta informação ou/e interesse, como observamos nos dias atuais.

Visualizamos muitos rostos trans surgirem nos jornais como vítimas do preconceito social, nas mídias de televisão e na internet, como artistas e influencers digitais, como Liniker (cantora e travesti), Thiessa (blogueira e mulher trans) e Tarso Brant (ator, modelo e homem trans), sendo estes inseridos num contexto de que pessoas trans precisam desconstruir a cisnormatividade constantemente. Desta forma, poderemos dizer que os males que assolam a população cisgênera também estão presentes no nosso cotidiano, pessoas transgêneros.

Assim, nesse texto, vou tentar dialogar com a temática transmasculinidades e machismo, abordando experiências, comportamentos, falas de pessoas trans, tanto minhas como de pessoas ao meu redor.

Ser machista não te faz homem de verdade.

Por muitos anos, as mulheres e toda a sociedade se viram subordinadas às imposições sociais do traço masculino, porém as mulheres começaram a questionar essas violências de que eram vítimas por parte desses homens, e conseqüentemente da sociedade, resultando assim no que chamamos hoje de feminismo, ou seja, a luta das mulheres para que sejam tratadas e visualizadas com os direitos iguais. As reações contra o machismo



são consideradas por muitos estudiosos e ativistas como uma luta de todos e não somente das mulheres, afinal, sabemos que não somos obrigados a cometer/repetir esses comportamentos autoritários e violentos.

Entretanto, muitas pessoas de todos os gêneros e identidades ainda acreditam que ser machista e *escroto* é um traço pertencente à personalidade masculina, e com isso tentam padronizar esses comportamentos nas futuras gerações. Esse comportamento, observa-se, iniciou com homens héteros cisgêneros, em diversos continentes e culturas, tanto que masculinidade transformou-se em sinônimo de grosseria, agressividade, e nada que pudesse referenciar o feminino por parte desse homem cisgênero. Essa ideia se manteve pertinente e se mantém até hoje. Isso pode ser visto em diversas criações, educação em famílias heteronormativas e cisnormativas.

A masculinidade é um fator de personalidade que faz parte de uma construção social para expressão de gênero nomeado como masculino; logo, a transmasculinidade tem o mesmo significado, porém, é reiterado e protagonizado por pessoas transgêneras. Transgeneridade é um termo “guarda-chuva” utilizado para nomear uma identidade de gênero que difere do que é imposto socialmente, a partir dos genitais de uma pessoa (a cisnormatividade). Uma pessoa transgênero é alguém que pode ter ou não disforia ao gênero que lhe foi imposto ao nascer e que se identifica com outra identidade que não é a cis, podendo ser a trans.

Dentro do contexto da transgeneridade, podemos encontrar alguns termos que são muito presentes no nosso cotidiano, como: travesti, transexual, homem trans, mulher trans e não binário. Todos costumam exibir uma expressão de gênero que são as formas como você se mostrará ao mundo a partir de nome, pronomes, roupas, comportamentos e posicionamentos.

A transmasculinidade é uma expressão de gênero que têm como base e referência o ser masculino, transitar entre o que se pode ser lido socialmente como masculino, ou seja, o que para cis é “ser homem”, porém tanto para cis quanto para trans a masculinidade pode ser confundida com o machismo, que são comportamentos abusivos de pessoas que possuem expressão de gênero masculina ou não, e que oprimem, ridicularizam e violentam o que é lido como feminino, dentro de um estereótipo tido como autoritário e cheio de liberdade para o gênero masculino, e submissão e exploração para com o gênero feminino.

Para alguns homens trans e pessoas transmasculinas, o feminino é algo que não



pertence mais ao corpo em transição para o masculino, e para isso é preciso “exalar masculinidade pelos poros”. Quando comecei a ir em busca do que era “ser homem”, me deparei com muitos garotos e transmasculines que utilizavam o machismo como um trunfo perfeito, e a ideologia do que era “ser homem de verdade”, a partir de comentários que inferiorizavam mulheres cis e trans, invisibilizava travestis e objetificava o corpo cis feminino. E um grande palco para esses comportamentos e falas foram as redes sociais, o mundo digital, afinal, é onde as pessoas mais se socializam no momento.

Em uma rede social, lembro de um comentário de um garoto sobre sexo: “(...) queria ter um pau para socar gostoso a buceta de uma mulher”. A fala deve ser considerada machista por estar objetificando o corpo de uma mulher, como se aquele corpo só servisse para ser usado no sexo e nada mais, pelo desejo exacerbado por uma vagina e a idealização de um pênis com intuito de penetrar a vagina. Interessante pontuar que, para fazer parte de uma relação sexual, o pênis e a vagina podem ser substituídos facilmente por outros orifícios, ou por brinquedos eróticos; sendo assim, podemos chegar à conclusão de que o ato sexual poderia ser realizado com estes, de outra maneira, outras formas, com o consentimento do outro, claro.

Ainda nas redes sociais, ouviam-se frases do tipo: “(...) mulher trans só serve para beijar” ou “(...) adoro chupar uma bucinha”. Além de machista, essa frase é transfóbica, seja dita por cis ou por trans, pois estão diminuindo a identidade feminina de uma mulher com o intuito de ser um objeto que tenha uma única serventia, a satisfação do homem e a agressão transfóbica por nitidamente se fazer menção de que não teria relações sexuais com uma mulher trans por ela não ser cis, e talvez por não ter uma vagina; novamente, era possível ver a genitalização e o sexismo acerca da figura feminina.

Em outro momento, presenciei uma discussão por conta de um participante que enviou uma foto de uma mulher cis nua, e o comentário relacionado ao “Outubro Rosa” (mês em que se fazem campanhas de prevenção ao câncer de mama) e a vagina da mulher se referia à cor rosa por ser uma mulher cis e branca. A discussão foi acerca dessa imagem, e até mesmo eu pensei em revidar com uma imagem similar, porém com uma travesti, mas desisti por achar que estaria cometendo o mesmo ato machista que o outro participante, pois o que estava explícito ali, para além da genitalização, eram homens machistas que riam de um corpo feminino, que na visão deles era ideal por ter



uma vagina e que tinha o intuito de satisfazer o seu desejo masculino, fazendo do corpo feminino uma propriedade que podia ser compartilhada como uma piada sem problema algum, pois, nas “cabeças” dessas pessoas, ser homem é ter o controle do corpo feminino, é expressar o poder masculino, e a superioridade desse corpo para com o corpo que é socialmente visto como inferior.

Algumas vezes, atos e comportamentos machistas são visíveis ao nosso redor, em roda de amigos, em confraternizações. Em um destes, observei um casal de namorados, ambos eram transgêneros, e mesmo assim o machismo poderia ser visualizado tanto do lado dele, quanto do dela, ao referendar um papel submisso e de aceitação diante destas atitudes, como, por exemplo, recolhia os objetos que ele deixava espalhado por estar alcoolizado, chegando até mesmo a parar tudo que estava fazendo para “cuidar” dele. O machismo institucional está nisso, no comportamento pré destinado de uma mulher para com alguém que expressa masculinidade, o cuidar, o preocupar-se, servir, falar baixo, a submissão total, e principalmente, o de não se perceber dentro de um machismo.

Para além, ao conversar com ela, pude verificar o machismo “escrachado” quando me relatou que não tinha mais ido visitar amigos porque o namorado não gostava que ela estivesse indo na casa de outro homem sozinha, não queria que ela andasse na rua com roupas curtas, com decote ou coladas ao corpo, devido à justificativa de que outro homem iria ficar olhando para ela e/ou iria descobrir que ela não era cis, bem como não gostava que ela usasse muita maquiagem porque chamava atenção na rua, não a deixava usar salto, pois iria chamar também atenção, e a forma como ele falava com ela, como se ela de fato fosse um objeto ou uma serviçal e tivesse uma dívida, por ele, um homem trans, estar se relacionando com ela, uma mulher trans.

Essas situações vivenciadas foram essenciais para rever muitas coisas e modificar tanto na minha vida como ao redor, eu não precisava que alguém chegasse até mim e falasse sobre machismo, porque não tinha como não ver, assim como não tinha como não “militar” pela causa.

Durante muitos anos da minha vida, me vi preso em um tipo de comportamento que era de fato normalizado por grande maioria ao meu redor e nos veículos de comunicação: o ser machista. Este era como algo que estava relacionado diretamente com a masculinidade, o que tentava levar sentido a uma frase: “todo homem de verdade é um pouco machista”. Dentro dos aspectos que consegui perceber quando meu corpo



socialmente era visto como feminino, não quis levar para quando estivesse transicionando para o gênero masculino, como: olhar a bunda de uma mulher, tratar uma mulher como lixo, utilizar termos (“comer”, “foder”, passar a “tora”, elogiar a genital de forma grotesca etc.), insinuar a todo o momento atos sexuais, invadir o espaço do outro com único intuito de me aproveitar sexualmente, objetificar o ser feminino como algo que fosse minha propriedade e por isso pudesse tratá-la da pior maneira que me foi permitido por conta de toda a liberdade e machismo “pertencente” a uma imagem masculina, ao qual seria visto neste momento.

Mesmo fazendo o máximo para não ser machista, ainda assim fui, ainda sou, pois a desconstrução é contínua, a normalização do machismo é tão presente que esse comportamento opressor não é reproduzido apenas com quem se identifica com a identidade de gênero masculina, tanto que já observei mulheres, em sua diversidade, reproduzindo tais comportamentos, como por exemplo dizer que a menina tem que se preservar e não falando o mesmo para o menino, justificar assédios e estupros ocasionados devido a roupas que estavam usando, falas e posicionamentos de mulheres, diante de comportamentos mais “modernos” de suas compatriotas, e até mesmo pessoas transfemininas aceitando e compartilhando nas redes sociais piadas machistas acerca de uma pessoa transmasculina que se expressa de forma andrógina ou feminina com o dizer: “isso não é homem de verdade”, e assim corroborando em uma falácia que conclui que o tal homem de verdade é aquele que pega pelos cabelos, joga na cama, rasga a roupa, transa loucamente, não se preocupa com o prazer alheio, goza, se veste e vai embora, liga sempre que bate a vontade de transar novamente, a chama de “cachorra, safada, ordinária, puta, vagabunda”, agride seu corpo, oprime e a violenta a todo momento. Desta forma, podemos perceber que há uma necessidade que homens e mulheres construam novos e atuais olhares, diante de um contexto opressor.

Permito-me agradecer às mulheres que disseram que eu estava sendo machista, pois consegui parar, questionar, e assim rever meus atos e me policiar para não cometer os mesmos erros, fazendo o possível para corrigi-los. A comunidade LGBT, percebemos infelizmente, propaga muito machismo; como citei anteriormente, o machismo não é uma “característica” apenas de homem cis, assim como também não se limita ao homem hétero.

Ainda há quem acredite que para ser uma pessoa transmasculina é necessário que se tenha uma base de um homem cisgênero, quando na realidade ninguém precisa



propagar preconceito, ou se basear em uma pessoa, cuja cultura e sociedade cisnormativa impõem tais estereótipos de gênero. O machismo é uma louca e errada ilusão do que seria ser homem, e deve ser desmotivado, desconstruído, afinal, o patriarcado que tanto oprime e mata pessoas de todas as identidades e gêneros se faz muito presente no machismo.

Os afetos entre transmasculinos para mim era algo muito estranho, afinal de contas a sociedade diz que nós, que nos identificamos com a masculinidade, não devemos demonstrar afetos, certo? Não, é Errado. Ser homem não tem nada a ver com grosseria, sem abraços nos amigos, demonstrações de carinho e outras formas de afeto. As ausências desses modos de carinho contribuem para a masculinidade frágil, na qual você tem grande aversão a tudo que soa como feminino. Entretanto, nós somos seres humanos, e precisamos entender que deve haver um equilíbrio sempre, no que se pode ser lido como masculino e feminino (se isso for necessário em sua vida), caso contrário, é sempre bom estabelecer as linhas do respeito. Se uma pessoa transmasculina decidir que vai utilizar artigos, objetos, acessórios, símbolos ditos femininos, expressar seu gênero como feminilidade ou androginidade, nada muda a identidade autodeclarada desse indivíduo. E se uma pessoa transmasculina se expressa de forma masculina, faz uso de artigos ditos masculinos com respeito, desconstruindo o machismo social que nos empurra para a “escrotisse” enquanto transmasculinos, não é uma dança até o chão ou tratar pessoas com respeito que vai fazê-lo menos másculo, menos masculino, menos homem.

Quando eu finalmente me libertei do “ser homem” para a sociedade e como essa aceitação não define quem eu sou, eu pude de fato olhar no espelho e ver que o homem que sou, com curvas, peitos, pelos, que gosta de maquiagem, brincos, ama coisas que se referem ao feminino, como drag e toda a arte que pode ser expressada por essa modalidade, me senti feliz de verdade. Algumas pessoas dizem que eu pareço ser viado por conta de estereótipos que criamos para os gêneros, isso não me inferioriza, ser viado para mim é elogio. E junto de mulheres que falam de suas lutas, do que fazer para não reproduzir o machismo, vou aprendendo, evoluindo e moldando, cada vez mais, a minha personalidade transmasculina que também é forte e sensível, séria e engraçada, enfim: masculinidade com traços de feminilidade.